

BARROS, ANABELA LEAL DE, 2023. *ANTOLOGIA DA LITERATURA TIMORENSE DE TRADIÇÃO ORAL*. LISBOA: GRÃO-FALAR. VOL. I: *OECUSSE*

FRANCISCO TOPA

José Leite de Vasconcelos, filólogo, etnógrafo (e muitas outras coisas que fizeram dele um verdadeiro sábio) esteve nos Açores em 1924, a convite do jornal *Correio dos Açores*. Dois anos depois publicou em Lisboa um alentado *Mês de sonho: conspecto de etnografia açórica*, com um conjunto de importantes observações etnográficas e linguísticas sobre as várias ilhas que tivera a oportunidade de visitar. Um século depois, ouvimos dizer cada vez mais que os tempos mudam, mas não já «como soía», o que, aplicado à academia e aos trabalhos de campo, significaria que os sábios acabaram e que as viagens de estudo — agora sob o manto protetor de nomes sacros como Erasmo ou Sócrates — foram substituídas pelo turismo académico.

Não é esse manifestamente o caso de Anabela Leal de Barros, que, nas suas sucessivas viagens a Timor-Leste, tem juntado ao muito trabalho pedagógico um persistente e profícuo labor etnográfico e linguístico, de que esta antologia é o exemplo mais recente. Antes dela tinha publicado *Contos e Lendas de Timor-Leste* (2014; rev. e ampliada, 2015), *Rumando de Lés a Leste: contos e lendas de Oecusse* (2017), *O galo do Oriente: contos e lendas de Timor-Leste* (2018), *A rainha da Lua: contos e lendas de Oecusse Timor-Leste* (2019) e *Os ovos de ouro: contos e lendas de Timor-Leste* (2021). O significado desta ampla recolha pode ser mais bem compreendido se pensarmos, por um lado, na escassez e na falta de sistematicidade de campanhas

idênticas, fenómeno tanto mais estranho quanto as condições de trabalho (sobretudo ao nível tecnológico) são hoje bem mais favoráveis; e, por outro, se o compararmos com o muito pouco que se vai fazendo no nosso país, exceção feita a instituições como o Centro de Estudos Ataíde Oliveira, da Universidade do Algarve, ou o Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, da Universidade NOVA de Lisboa. O panorama é idêntico em relação aos textos académicos, designadamente dissertações e teses, apesar de — no que diz especificamente respeito a Timor — o número de estudantes mauberes na diáspora ser hoje considerável. De facto, salvo melhor informação, há a registar nos últimos anos apenas a dissertação, que tive o prazer de orientar, de Isaias Abílio Caldas (*As histórias tradicionais na identidade timorense: recolha, edição e estudo de três “ainanuik” em Bunak*).

Feita esta contextualização e antes ainda de passar às histórias recolhidas nesta *Antologia da literatura timorense de tradição oral*, importa fazer uma breve referência à introdução que a precede. Mais do que a sua dimensão informativa, sobre o espaço físico e cultural da recolha e sobre alguns dos seus aspetos técnicos, convém sublinhar a grande delicadeza e sensibilidade com que a dimensão patrimonial deste acervo é apresentada; o modo como é explicada a sua importância e a sua riqueza cultural, identitária, linguística («um límpido tilintar de cristais antigos», escreve

a autora na p. 21); ou a forma como é sublinhada a importância do estabelecimento de laços com o contador e a comunidade, a ponto de transformar a recolha numa complexa operação coletiva. E ainda, talvez mais importante que tudo isso, o reconhecimento da simplicidade como riqueza maior destes textos:

*É esse o trabalho que tenho procurado levar a cabo nas minhas recolhidas, deixando aos contos as suas características evidentes — a simplicidade, o despojamento — e à língua portuguesa arrecadada na memória timorense os seus traços autênticos — o despojamento, a simplicidade.*

Quanto às narrativas, impressiona antes de mais o seu número — 124 —, pouco importando que nele esteja compreendido um conjunto razoável de variantes. Por outro lado, salta à vista a semelhança e a diferença face à tradição ocidental, concretamente a portuguesa. Nota-se, por exemplo, a importância das lendas e dos chamados contos etiológicos, isto é, contos que explicam — miticamente — determinados acidentes geográficos ou a relação de certos grupos com alguns elementos da natureza. Parte destes últimos esclarece tabus, como a proibição de ingerir determinados alimentos; outros revelam sinais de uma relação totémica, apontando determinado animal como fundador de uma família ou de um grupo.

Narrativas deste tipo são menos frequentes na tradição portuguesa, embora haja exemplos nas recolhidas mais antigas. Apesar disso e da cosmovisão aparentemente mais moderna e mais racional que caracteriza a sociedade lusitana, subsistem no nosso dia a dia vestígios de relações

totémicas e de crenças míticas milenares. Basta que pensemos nos dragões, águias, leões, panteras e tigres que dominam os nossos clubes de futebol e que servem de elemento agregador dos adeptos. Ou que atentemos em expressão, hoje menos usadas, como *ao romper da aurora* ou *à boca da noite*. Está aqui em causa um fenómeno para o qual dispomos há muito de uma explicação científica, mas nem por isso a interpretação mítica desapareceu por completo: subjacente a ambas as locuções está o mito solar, que comparece com frequência na literatura oral, sobretudo nos contos maravilhosos, alguns deles bem conhecidos, como «O Capuchinho Vermelho». Na primeira expressão, o anoitecer é representado através de uma aurora que assume a forma de donzela engolida por um dragão. Na segunda, temos a fase seguinte: a aurora vem a ser libertada por um herói ou rasga ela mesma o ventre do monstro.

Seja como for, a *Antologia* de Anabela Leal de Barros parece falar-nos de um tempo mais antigo, seja pelo facto de muitas narrativas terem ainda um carácter sagrado, seja pelo papel que nelas desempenham os animais (interagindo com os humanos e comportando-se como eles), seja pela referência a práticas e costumes que entretanto desapareceram da maioria das sociedades humanas, como o incesto, presente no conto «Molo-Abi e Nec-Teme» (pp. 65-8). Ou como os sacrifícios praticados em sociedades agrícolas, como se lê numa das versões de «O milho»: «A criança que tinham sacrificado estava ali naquele milho: os seus dentes eram os grãos, os seus cabelos loiros eram as barbas das espigas e os seus ossos assemelhavam-se aos caroços do milho» (p. 55).

Apesar disso, há muitas outras histórias que nos soam familiares, dada a presença

das funções básicas identificadas por Vladimir Propp na estrutura dos contos maravilhosos, como a prova difícil a que o herói é sujeito, ou a ocorrência de certos motivos, como o da madrasta malvada, que surge em «As aventuras de dois órfãos» (pp. 113-7) e em «A cebola branca e a cebola vermelha» (pp. 120-1). É o caso também do objeto mágico, tomado de empréstimo ou roubado, que domina o conto «A princesa Limão de Lego-Lego» (pp. 277-283). Ainda mais familiares são as narrativas comuns aos dois espaços, como «O macaco e a raposa matreira» (pp. 197-8), muito semelhante, mas com diferentes protagonistas, ao conto da tradição portuguesa em que a raposa convence o lobo a beber a água do poço de modo a apanhar o queijo que está no fundo e que é, afinal, o reflexo da lua. Ou ainda «O macaco e o crocodilo» (pp. 204-5), em que o primeiro consegue escapar da obrigação de oferecer o seu coração para curar o avô do crocodilo: quem leu *O romance da raposa*, de Aquilino Ribeiro, estabelece de imediato o paralelo com o episódio do texugo D. Salamurdo, que o lobo não hesita em sacrificar para tentar solucionar a sua dor de dentes, uma vez que a raposa lhe tinha dito que bastaria colocar uma pele de texugo ainda quente sobre a parte dolorida. É o caso ainda de «O cão guloso» (pp. 321-3), versão timorense de uma conhecida fábula de Esopo, «O cão e o seu reflexo» (n.º 133 do conhecido índice Perry).

Para além disto, a *Antologia* oferece-nos uma série de motivos de reflexão. Um exemplo: de onde vem «A lenda de Santo

António de Nispeno» (343-4)? Que explicação podemos dar para um santo ladrão, cuja delinquência só cessou a partir do momento em que lhe furaram os olhos? Outro exemplo: quando lemos, no conto «A origem do nome da rosa», uma expressão como «Uma menina muito linda, de cabelos loiros» (p. 58), devemos entendê-la apenas como um sinal dos efeitos da colonização ou como algo mais? Outro ainda: quando deparamos, em «A batata-doce», com uma passagem tão poética como «Infelizmente, uma febre fatal veio de súbito levá-lo para os campos do Céu» (p. 179), estamos perante uma expressão original ou um efeito da tradução em cadeia? É que uma das questões difíceis com que lida esta *Antologia* tem que ver com o risco do «Lost in translation»: muitas das narrativas foram contadas em baquienuo ou outras línguas e a chegada ao português não foi direta nem fácil, o que talvez requeresse uma explicação mais detalhada. Além disso, se é de sublinhar a faceta informativa, rigorosa e clara das muitas notas que acompanham a *Antologia*, também deve dizer-se que fazem falta outros esclarecimentos sobre os informantes, designadamente a sua profissão e grau de instrução.

Seja como for, é uma excelente notícia esta da publicação da *Antologia da literatura timorense de tradição oral: I: Oecusse*. Não só ficamos um pouco mais próximos, timorenses e portugueses, como ficamos um pouco menos ignorantes sobre os aspetos culturais e linguísticos que nos unem.